

LEVANTAMENTO DAS PLANTAS NATIVAS UTILIZADAS NA DIETA DE PEQUENOS RUMINANTES NO MACIÇO DE BATURITÉ.

José Wilson Nascimento de Souza¹, Silas Primola Gomes², António Fernando de Barros Pereira Pinto³, Maria Eliene da Silva Campelo⁴, Guilherme Rocha Moreira⁵

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, E-mail: wilson.jwns@hotmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, E-mail: silas.primola@unilab.edu.br

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, E-mail: nandobp92@hotmail.com

⁴ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, E-mail: incamplo7@gmail.com

⁵ Universidade Federal Rural do Pernambuco, Departamento de Estatística e Informática, E-mail: guirocham@gmail.com

Resumo: A caatinga, vegetação predominante no semiárido nordestino, apresenta grande potencial de uso na alimentação animal, porém este potencial ainda é desconhecido dos produtores da região, principalmente no que diz respeito às forrageiras nativas que participam das dietas destes animais. Por isso, o presente trabalho teve como objetivo levantar as espécies nativas utilizadas na alimentação de pequenos ruminantes na microrregião do Maciço de Baturité. Foram visitados no período de agosto a dezembro de 2015 e janeiro a maio de 2016 nove produtores divididos entre as cidades de Aracoiaba, Aratuba, Ocara e Redenção. O levantamento realizado mostrou, como espécies nativas importantes na composição da dieta dos rebanhos criados de forma extensiva, em sua maioria SRD (Sem Raça Definida): o angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.)), mandacaru (*Cereus jamacaru* DC. (Cactácea)), marmeleiro (*Croton sonderianus*), catingueira (*Poincianela bracteosa*), pereiro (*Aspidosperma pyriforme* Mart. (Apocynaceae)), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), mororó (*Bauhinia cheilantha* (Bong.)), jurema-preta (*Mimosa tetentiflora* (Willd.)), jurema-branca (*Piptadenia stipulacea*), aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Alemão), sabiá (*Mimosa caesalpiniiifolia* Benth.), jucá (*Libidibia férrea* (Mart. Ex Tul.) e mofumbo (*Combretum leprosum* Mart. (Combretaceae)). E utilizados através das tecnologias de fenação ou ensilagem, as espécies maniçoba (*Manihot carthagenensis* subsp. *graziovii*), pinhão (Pinhão-Bravo) (*Jatropha molíssima* (Pohl) Baill. (Euphorbiaceae) e juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart. (Rhamnaceae)).

Palavras-chave: Caatinga. nutrição animal. potencial forrageiro. semiárido. biodiversidade.

INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro é uma região caracterizada por índices pluviométricos irregulares, com períodos de estiagem prolongados e má distribuição de chuvas. Como consequência, a produtividade dos rebanhos manejados em regime de pastejo é comprometida principalmente pela limitação das fontes proteicas e energéticas disponíveis, o que exige suplementação alimentar, elevando consideravelmente os custos de produção. Neste contexto, o manejo alimentar dos rebanhos necessita buscar alternativas que diminuam os custos de produção, como o cultivo de plantas forrageiras de reconhecido valor nutritivo. O fornecimento de forrageiras nativas, existentes na região, nas formas verde, fenada ou ensilada, pode suprir, em boa parte, a deficiência das pastagens nos períodos de estiagem a custos relativamente baixos (VIEIRA et al. 2005) e, se conhecido o potencial nutritivo, pode atender satisfatoriamente os rebanhos criados nos sistemas extensivos. O Maciço de Baturité está localizado na região Nordeste do Brasil, apresentando todas estas características e ainda uma agropecuária em sua maior parte compostas por pequenas propriedades de agricultores familiares, descapitalizados, que alimentam seus rebanhos em pastagens nativas, de forma extensiva e pouco produtiva, dependente exclusivamente da oferta de alimentos do bioma Caatinga. Este bioma consiste no tipo de vegetação predominante do semiárido brasileiro, onde está inserida grande variedade de espécies nativas, em sua maioria caducifólia de uso forrageiro, porém, essa utilização vem sendo exercida sem o devido conhecimento do potencial produtivo e quase nenhuma técnica de controle ambiental (DAMASCENO, 2007). Do ponto de vista ecológico é reconhecida a importância da introdução de espécies nativas na dieta dos animais de produção, porém a existência de poucos estudos em torno do potencial produtivo das espécies nativas e a falta de estratégias para melhorar a exploração deste potencial, muitas vezes, inviabiliza o seu uso de forma sustentável. Para aperfeiçoar e tornar competitiva esta produção é fundamental o conhecimento das espécies mais adaptadas, mais produtivas e ainda do valor nutricional destas na composição da dieta dos rebanhos. Apesar de a Caatinga apresentar boa disponibilidade de fitomassa no período chuvoso, parte significativa desse material não é utilizada na alimentação dos animais. O conhecimento mais detalhado desses materiais poderá indicar formas de manejo dessa vegetação, de forma a melhorar a sua utilização (MOREIRA et al. 2006). Desta forma o presente trabalho teve como objetivo levantar as espécies nativas utilizadas na alimentação de pequenos ruminantes na microrregião do Maciço de Baturité.

METODOLOGIA

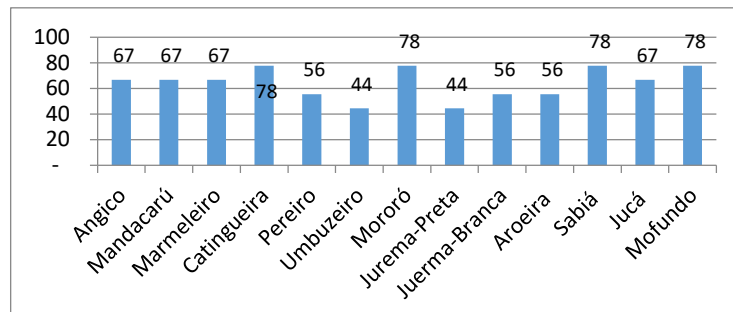
O trabalho foi realizado na microrregião do Maciço de Baturité. Foram visitados no período de agosto a dezembro de 2015 e janeiro a maio de 2016 nove propriedades rurais, localizadas nos municípios de Aracoiaba, Aratuba, Ocara e Redenção. Foram levantadas informações sobre as plantas nativas utilizadas na alimentação animal (pequenos ruminantes). Para este levantamento foram realizadas entrevistas com os produtores e visitas técnicas às propriedades para observação do comportamento alimentar dos animais durante o período de pastejo, em áreas de pasto nativo, para constatação da preferência ou rejeição das espécies presentes nas áreas de pastejo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento realizado mostrou como espécies importantes na composição da dieta dos rebanhos criados de forma extensiva, em sua maioria SRD (Sem Raça Definida): o angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.)), mandacaru (*Cereus jamacaru* DC. (Cactácea)), marmeleiro (*Croton sonderianus*), catingueira (*Poincianela bracteosa*), pereiro (*Aspidosperma pyriforme* Mart. (Apocynaceae)), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), mororó (*Bauhinia cheilantha* (Bong.)), jurema-preta (*Mimosa tetentiflora* (Willd.)), jurema-branca (*Piptadenia stipulacea*), aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Alemão), sabiá (*Mimosa caesalpiniiifolia* Benth.), jucá (*Libidibia ferrea* (Mart. Ex Tul.) e mofumbo (*Combretum leprosum* Mart. (Combretaceae)) (Tabela 1).

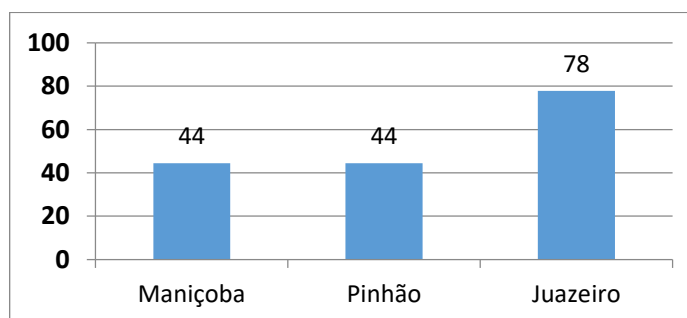
Foram citadas pelos produtores, que participaram do trabalho, espécies que segundo Araújo Filho (2013) não são forrageiras como o angico, o pereiro e o jucá. O consumo destas espécies, que não apresentam palatabilidade e/ou qualidade nutricional suficientes para se configurarem forrageiras, ocorre provavelmente devido à escassez na oferta de matéria seca, obrigando os animais a optarem por fitomassa de menor potencial. O jucá, por exemplo, é uma das poucas espécies da flora da Caatinga que permanece com folhas no período seco sendo uma opção nestas condições. Outras espécies, de acordo com Araújo Filho (2013), como o mororó, que tem excelente palatabilidade quando verdes, apresentam baixa ocorrência na maioria dos sítios ecológicos da caatinga, então sua participação na dieta dos ruminantes domésticos é sempre muito baixa.

TABELA 1. Porcentagem de utilização das espécies nativas utilizadas na dieta de pequenos ruminantes entre os produtores entrevistados na Região do Maciço de Baturité.



As espécies citadas acima compõem a dieta sem nenhuma restrição, porém algumas espécies citadas pelos produtores apresentam restrição no seu uso na alimentação animal, sendo as espécies maniçoba (*Manihot carthagenensis* subsp. *graziovii*), pinhão (Pinhão-Bravo) (*Jatropha molíssima* (Pohl) Baill. (Euphorbiaceae) e juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart. (Rhamnaceae)) (Tabela 2). Estas plantas também são utilizadas, porém apenas em situação de extrema escassez devido a problemas de palatabilidade ou intoxicação como é o caso da maniçoba, que apresenta compostos cianogênicos. Estas plantas em sua maioria apresentam grande potencial nutricional, porém necessitam ser armazenadas na forma de feno ou silagem. Outro exemplo são as folhas da catingueira, que apresentam baixíssima palatabilidade quando verdes, mas quando secas, constituem uma forragem de alto valor nutritivo e apetecibilidade (ARAÚJO FILHO, 2013).

TABELA 2. Porcentagem das espécies utilizadas na dieta de pequenos ruminantes em condições de escassez citadas pelos produtores entrevistados na Região do Maciço de Baturité.



Verificou-se que os produtores reconhecem a importância destas espécies nativas na dieta dos animais, porém a maioria desconhece o seu potencial nutritivo, também não

fazem uso das técnicas de fenação e ensilagem ou técnicas de manejo da Caatinga para fins de pastejo, como o raleamento, o rebaixamento e o enriquecimento, o que tornaria mais eficiente a utilização da vegetação nativa na produção de pequenos ruminantes na região do semiárido nordestino.

CONCLUSÕES

São espécies importantes na composição da dieta dos rebanhos extensivos, na região do Maciço de Baturité: o Angico, Mandacaru, Marmeleiro, Catingueira, Pereiro, Umbuzeiro, Mororó, Jurema-Preta, Jurema-Branca, Aroeira, Sabiá, Jucá e Mofumbo que quando em condições de pasto podem ter seu uso otimizado se empregadas as tecnologias de manejo como o raleamento, rebaixamento e enriquecimento. E, com o emprego das tecnologias de fenação ou ensilagem também podem compor seguramente as dietas as espécies: Maniçoba, Pinhão e Juazeiro.

AGRADECIMENTOS

Aos produtores que contribuíram com o desenvolvimento do trabalho em nome do Sr. Eugênio Alves de Melo e ao professor orientador Silas Primola Gomes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, J. Manejo pastoril sustentável da Caatinga. IICA, Brasília (Brasil). Projeto Dom Helder Camara, Recife (Brasil). Projeto SEMEAR, Brasília (Brasil). Associação Brasileira de Agroecologia, Rio Grande do Sul (Brasil), 2013.

DAMASCENO, Mário Medeiros. **Composição bromatológica de forragem de espécies arbóreas da caatinga paraibana em diferentes altitudes**. Patos, PB: UFCG, 2007. 60 p. (Dissertação – Mestrado em Zootecnia – Sistemas Agrosilvipastoris no Semi-Árido).

MOREIRA, José Nilton *et al.* Caracterização da vegetação de Caatinga e da dieta de novilhos no Sertão de Pernambuco. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 41, n. 11, p. 1643-1651, 2006.

VIEIRA, Ednéia de Lucena *et al.* Composição química de forrageiras e seletividade de bovinos em bosque-de-sabiá (*Mimosa caesalpiniiifolia* Benth.) nos períodos chuvoso e seco. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 34, n. 5, p. 1505-1511, 2005.